

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT07.010

INTERVENÇÕES VOLTADAS PARA PESSOAS IDOSAS: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO CRAS

RENATA VIEIRA

Psicóloga, Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe-UFS, Referência Técnica Estadual do Serviço de Proteção e Atenção Integral à Família -Sergipe. Psicóloga do Centro Especializado em Reabilitação- CER IV . Membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Avançados em Desenvolvimento Humano e Saúde Mental- UFBA. revieiranata@gmail.com

RESUMO

O presente estudo traz relatos de práticas interventivas voltadas para pessoa idosa tendo como espaço de reflexão o Centro de Referência de Assistência Social -CRAS com foco no grupo de idosas(os); trata-se de um estudo qualitativo. Primeiramente buscou-se situar o funcionamento da proteção social básica, só então, partiu-se para a reflexão acerca da inserção da(o) psicóloga(a) no CRAS e sobre as práticas interventivas realizadas com vista a oportunizar a participação ativa das idosas e trocas de vivências que favorecem o desenvolvimento nesta etapa da vida. Esse estudo fornece dois exemplos de intervenções: Festividade e Ensaio fotográfico que visam contribuir para prática voltada para as reais demandas das idosas, sendo pautadas no protagonismo das usuárias e no estímulo à reflexão crítica e aprendizado continuado. Sabe-se que a velhice é uma etapa permeada de preconceitos e por vezes reduzidas a limitações, porém é possível ampliar esse olhar e apresentar possibilidades de enfrentamento dessas visões limitantes. A prática revela que há carência de suportes direcionados ao fazer da(o) psicóloga (o). Assim é necessário redescobrir novas formas de atuação com foco na velhice, sendo urgente que os profissionais se apropriem dessas situações para que possam desenvolver uma psicologia pautada no compromisso ético, contribuindo para a melhoria contínua das ações no CRAS, promovendo intervenções que façam sentido para as pessoas idosas participantes desses serviços, estimulando o protagonismo e contribuindo para reafirmar o lugar das pessoas idosas como sujeitos capazes de aprender e implementar mudanças ao longo da vida.

Palavras-chave: Velhice, Sexualidade, Psicologia, Política Pública, Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

O sistema Único de Assistência Social- SUAS foi implementado em 2005 e tem como objetivo promover bem-estar e proteção social a todos que dele necessitem. Faz parte desse sistema: a Proteção Social Básica e a Proteção Social Especial. O Centro de Referência de Assistência Social é responsável por operacionalizar a proteção social básica desse sistema, nele são desenvolvidos serviços, projetos e programas que visam atender a população de baixa renda e vulnerável, sendo eles de caráter preventivo. (Santos, 2016).

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos-SCFV integra a proteção social básica, isto é, trata-se de uma estratégia de caráter preventivo, com vista a promover o protagonismo social dos participantes. O SCFV, é organizado por etapas da vida e assim os usuários são direcionados para coletivos(grupos) distintos, além disso, a faixa etária de atendimento é definida pelo município, isto é, a partir de 2013 em função do reordenamento dos serviços o Ministério do Desenvolvimento Social- M.D.S proporcionou maior autonomia ao município para redefinir o público a ser atendido de acordo com a realidade de cada território permitindo assim o repasse específico para o grupo de idosos. (Vieira,2019).

Em 2013 os municípios firmaram um acordo que definiu o quantitativo máximo de usuários a serem atendidos e puderam reordenar os coletivos conforme necessidade. Garantindo assim uma oferta com base na realidade de cada território. O cofinanciamento passa assim a ser repassado trimestralmente levando em consideração o quantitativo informado no Sistema de Informação do Serviço de Convivência- SISC, cabendo a equipe de vigilância socioassistencial informar a frequência dos usuários. O grupo de de pessoas idosas assim se caracteriza como um dos coletivos do SCFV e pode inclusive ser ofertado de maneira intergeracional, mas o município precisará entrar com a coparticipação, pois o recurso só é destinado para tais faixas etárias (3 a 17 e de 60 em diante). (Vieira, 2018).

Nos casos em que a psicóloga ou o psicólogo é designada(o) para atuar como técnica (o) de referência do SCFV deverá participar da definição dos critérios de inserção dos usuários no serviço; assessorar as unidades que desenvolvem o SCFV no território; manter registro do planejamento do SCFV no CRAS; avaliar com as famílias, os resultados e impactos do SCFV além disso, precisa garantir que as informações sobre a oferta do SCFV estejam sempre atualizadas no Sistema de

Informação do Serviço de Convivência- SISC e utilizá-las como subsídios para a organização e planejamento do serviço(Vieira,2018).

Vale ressaltar que a nomenclatura utilizada para designar a atuação da(o) psicóloga(o) no CRAS é referência técnica, além disso, também é importante destacar que a presença da psicóloga(o) nesse espaço assume um caráter de obrigatoriedade, contudo não se trata de realizar atendimento psicoterapêutico, sendo esse proibido nesses espaços e cabe aos profissionais ao identificar a demanda de acompanhamento psicoterápico, fazer os devidos encaminhamento em rede.

As atividades desenvolvidas nesses espaços, precisam levar em consideração a peculiaridade de cada coletivo, assim ao implementar intervenções voltadas para pessoa idosa é preciso conhecer os participantes que estão inseridos, garantir que haja o respeito à heterogeneidade da velhice, abrindo espaço para que a pessoa idosa contribua ativamente no processo de construção e implementação dessas atividades.

A dificuldade em realizar intervenções voltadas para pessoas idosas está presente no cotidiano de inúmeros técnicos que atuam na Assistência Social, recentemente, o conselho regional de psicologia da Bahia realizou um levantamento sobre as dúvidas e dificuldades da(o) psicóloga(o) no atendimento a pessoas idosas da Bahia. No que se refere às dificuldades no âmbito de atuação no CRAS, destacaram ausência de materiais de suporte especializados; oficinas que contemplem a heterogeneidade da velhice entre outros (CRP-03, 2021).

Vale ressaltar que tal realidade se presentifica também no estado de Sergipe, afinal nas discussões realizadas em diversos espaços, os técnicos (psicólogos e assistentes sociais) enfatizam a necessidade de ampliação de suportes para realizar um trabalho que de fato esteja voltado para a pessoa idosa. Sobre essa ausência de discussões relativas ao trabalho com as pessoas idosas. Rabelo (2019, p.17) salienta que “a formação profissional para o trabalho com idosos deve iniciar-se na graduação, considerando que a inclusão de conteúdos gerontológicos no currículo está determinada pela lei nº8.842/94.”

Neri e Rabelo (2013) destacam a carência de material de suporte da atuação com os idosos, que de fato orientam a realização dos trabalhos em grupo. Essas intervenções precisam estar articuladas com o objetivo que se pretende atingir, além disso é preciso entender que após a efetivação é essencial avaliá-las.

Nesse sentido, acredita-se que a publicização dessas intervenções poderá auxiliar no preenchimento das lacunas percebidas por profissionais da assistência

social no que tange a exemplos de práticas assertivas voltadas para pessoa idosa e assim servir de orientações aos mesmos com vista a contribuir para maior eficácia das intervenções que são realizadas nos múltiplos espaços e em especial no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos-SCFV voltados para as pessoas idosas.

Assim, as intervenções que serão apresentadas por meio deste estudo se constituem como espaço de partilha e de questionamentos constantes do lugar ocupado pela psicologia, além de enfrentamento das dificuldades oriundas desse espaço de prática. No decorrer desse estudo, serão apresentados dois exemplos de práticas interventivas resultantes da atuação como psicóloga responsável pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de vínculo-SCFV. Pretende-se a partir dessa publicação minimizar as lacunas existentes no referente a exemplos de práticas, contribuindo assim para melhoria das intervenções técnicas realizadas, contudo é preciso atentar-se para as características específicas de cada grupo, podendo assim ser replicados nas práticas realizadas as adequações cabíveis.

AS PECULIARIDADES DA VELHICE

Para realização de um trabalho social voltado para usuários idosos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos-SCFV é preciso considerar as peculiaridades do sujeito para entender não apenas o processo de envelhecimento, mas sobretudo abrir espaço para compreender a velhice, articulada ao contexto histórico-social levando em consideração a territorialidade.

Segundo Birman (1994) a velhice se configura historicamente e se estabelece a partir de uma dinâmica cultural que enuncia algo sobre o “ser”. Nesse caso, especificamente, a cultura silenciou aquele que envelhece. Nas últimas décadas, houve um aumento de estudos e discussões com foco no envelhecer, esse aumento de produção pode ser entendido como uma espécie de sentimento de culpabilidade, após tanto descaso.

A forma como a pessoa idosa se insere na sociedade e como lida com as questões sociais possibilita a criação de alternativas para lidar com um suposto sofrimento acumulado e com a proximidade da morte. Esse sujeito compreende que a sociedade apresenta dificuldade quanto à aceitação da velhice e na tentativa de encontrar uma visão menos estereotipada do envelhecimento, faz uso de termos

que conotam preconceito ao invés de focar no sujeito que habita o corpo que envelhece. (Lazzarini; Lima e Viana,2011).

Ampliando essa ideia Vieira (2018) realizou pesquisa com idosas sendo possível constatar a multiplicidade de experiência do envelhecer e ainda evidenciou que a forma como a pessoa lida com as questões oriundas da passagem do tempo tem a ver com a trajetória de vida, assim a aceitação ou negação da marcas do envelhecimento no corpo adquire significados distintos e podem libertar o sujeito das amarras sociais ou deixá-los engessado numa concepção limitante sobre si mesmo, assim o trabalho efetivo do luto e elaboração das situações traumáticas revela como uma possibilidade de dar novos destinos experiência da velhice.

Lesmam e Bost (2004) consideram que a velhice é concebida a partir dos aspectos biológico, social e psicológico, porém quando percebido na perspectiva abstrata nos leva a dimensão do corpo de maneira muito vaga. “A velhice se apresenta de alguma maneira, através da imagem do corpo, e mesmo que o indivíduo encontre uma imagem mais ou menos convincente e satisfatória de si mesmo, não pode fugir das modificações que o corpo vai apresentando com o passar dos anos. Portanto, reconhecer as transformações do corpo na maturidade significa incluí-lo no registro da diferença, colocando-o num lugar de valor que o faz permanecer no circuito do desejo, contudo sem exageros e negação de si mesmo” (Lima e Rivemeles, 2013, p.161-162).

Para Maia (2008) é preciso questionar a visão propagada da velhice como sinônimo de degeneração, precariedade e incapacidade é uma forma de romper com a transmissão dessa imagem que provoca no sujeito uma não identificação. A ausência de conhecimento relativo às peculiaridades do envelhecimento promove uma repetição de ações sem sentido que não agrega valor nem tampouco contribui para politização dos usuários. Nota-se que é preciso ampliar pesquisas que tenham como proposta apresentar possibilidades de intervenções.

Neri e Rabelo(2013) concebem como insuficientes os materiais de suporte voltados para operacionalização de trabalhos com as pessoas idosas, além disso, no âmbito de atuação torna-se necessário entender todo os procedimentos a ser realizados de maneira ampla, para que possa verdadeiramente atingir os objetivos propostos e avaliar o alcance das intervenções realizadas com vista a promover ações que estejam de acordo com as reais demandas das pessoas que fazem parte dos serviço.

A ausência de conhecimento relativo às peculiaridades do envelhecimento promove uma repetição de ações sem sentido que não agrega valor nem tampouco contribui para politização dos usuários. Nota-se que é preciso ampliar pesquisas que tenham como proposta apresentar possibilidades de intervenções.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de relato de experiência sendo caracterizado como estudo qualitativo, tipo de estudo que segundo Minayo (

Participaram dessa intervenção 50 pessoas idosas, na faixa etária de 60 a 87 anos frequentadoras do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos operacionalizado pela Política de Assistência Social. Todas as pessoas idosas eram moradoras de município pequeno porte I do estado de Sergipe. As atividades foram realizadas no prédio que funciona o Serviço e desenvolvidas em grupo, sendo previamente planejadas e executadas em consonância com as diretrizes da Política de Assistência Social. Essas intervenções foram nomeadas.

Na realização da primeira intervenção denominada Festival grupo Reviver foi preciso dois meses de estruturação e no decorrer deste período aconteceram os ensaios, confecção dos materiais e vestes, como também, convites ao público externo (familiar e homenageados). A proposta dessa intervenção estava centrada na abertura de um espaço de partilha das diversas formas de manifestações culturais vivenciadas pelas idosas como forma de resgate de sua historicidade. A distribuição das participantes foi realizada conforme definição do grupo, isto é, algumas integraram a apresentação; outras deram suporte e as demais se identificaram com o ser plateia, o mais importante era sentir-se bem com a escolha que desejasse.

Na segunda intervenção nomeada como Ensaio fotográfico objetivou-se proporcionar um espaço de compartilhamento voltado para o sentido da sexualidade pelas idosas e por a partir daí trabalhar as demandas referente a singularidade das experiências, participaram dessa atividade 25 idosas. Assim foi realizada roda de conversa para problematizar a temática e construir espaço de fala livre, também foi utilizada técnica de dinâmica e por fim uma sessão fotográfica.

Cada intervenção foi dividida em três partes: acolhimento, efetivação e avaliação e em todos os processos as pessoas idosas participaram ativamente. Vale ressaltar que a proposta de abertura de espaço de fala e escuta ativa dos conteúdos

expostos pelas integrantes faz parte desse delineamento metodológico, trazendo sobretudo o espaço de potência e pertencimento, pois não se pode deixar escapar a relação de multiplicidade de formas de ser e agir do integrantes e levar em consideração essa característica essencial se tornou um elemento primordial no processo de identificação e engajamento, pois tratava-se de atividades que faziam sentido para as mesmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para realizar cada intervenção que será aqui apresentada, foi preciso definir o propósito das mesmas, e isso foi possível a partir da escuta das usuárias, acolhendo e respeitando as opiniões, promovendo assim a participação ativa das mesmas em todo o processo de elaboração das intervenções. Segundo Rabelo e Libermanesco (2014) a oferta de ações precisa estar bem articulada com a intencionalidade, é preciso ter clareza quanto aos objetivos que pretende alcançar, público que participará e formas de avaliar as consequências das intervenções, assegurando o espaço de reflexão e crítica.

Toda etapa foi estruturada a partir do planejamento, entendido como um processo imprescindível, como também posteriormente foi realizada a avaliação para mensurar se as intervenções fizeram sentido para vida das usuárias e entender os impactos reais das mesmas.

Seguem abaixo o detalhamento e reflexões acerca de cada intervenção.

FESTIVIDADE: FESTIVAL CULTURAL DO GRUPO REVIVER

Essa intervenção foi organizada pelas idosas juntamente com a equipe do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos- SCFV, essa ideia nasceu dos anseios que as usuárias manifestaram em realizar algo diferente no SCFV que não fosse o já instituído no calendário de ações do CRAS. O foco estava em apresentar as diversas formas de manifestações culturais a partir do resgate de atividades vivenciadas pelas idosas. A partir das narrativas das idosas foi possível elencar esse resgate. O local de realização foi o próprio CRAS e o dia e horário foi definido com base no dia de execução, que nesse caso ocorria na quarta-feira no turno vespertino.

Para estruturar o planejamento dessa intervenção, inicialmente foi realizada uma reunião para construir uma proposta do Festival e as idosas decidiram o que cabia nas apresentações e o formato. Uma das integrantes do grupo era famosa por aboiar (canto utilizado pelos vaqueiros para contar suas histórias), assim o aboi se configurou como uma proposta de apresentação e foi imediatamente incluída. Além disso, havia também outras que declamavam poesias no tempo de escola e queriam trazer esse momento para o festival, foi decidido também que um desfile seria uma boa atração para o festival.

Houve também espaço para a equipe propor e a orientadora social lançou a proposta de escolher representantes da região para homenagear e daí juntamente com as idosas foram elencando quais os representantes na música, na poesia, no trabalho rural, sendo realizada uma votação e assim ficou decidido o nome de três pessoas para essa homenagem. Essas pessoas foram contactadas com antecedência, explicada a proposta e no dia da realização do evento essas pessoas receberam uma lembrança personalizada.

Foram dois meses de organização. A equipe técnica precisou conversar com a gestora para garantir o recurso, afinal o festival precisava de materiais que não eram permanentes. Os oficinairos organizaram os ensaios e definiram com o grupo o público: participantes e seus familiares, a equipe técnica e os convidados homenageados. Após todo planejamento, projeto apresentado à gestão, organização dos horários dos ensaios, escolha dos vestuários, seleção das músicas. Houve também a ideia do cardápio que contemplasse produtos da região: o mungunzá, arroz doce precisavam está inserido.

Durante os ensaios as idosas juntamente com a equipe técnica decidiam o que precisava incrementar, conversavam entre si, trazendo as diversas histórias já vivenciadas, lembrando dos bailes que participavam e davam muitas risadas, lembrando de paqueras; da forma como se estabeleciam as conquistas, os dribles que davam nos pais para conseguir namorar escondido, traziam também lembranças das relações de amizades, sentiam a perda de amigos que foram companheiros de longa jornada e assim a construção do festival permitia a partilha de diversos momentos e fortaleceu os laços grupais.

Os oficinairos horas ficavam encantados com tanta energia e outras irritados por acreditar que elas exigiam demais tornando desafiador alinhar as exigências grupais com demandas da gestão, afinal os materiais necessários demoravam a chegar, foi necessário reestruturar o planejamento, mudando os horários de ensaio,

realizando trabalhos extras, mas havia algo ali que os motivaram. O Festival estava tomando corpo e a equipe também estava se divertindo apesar de todo trabalho. Na época foram concedidos momentos de folga para compensar os trabalhos. A oficina de artes se transformava em artesã e eu estava mergulhada também nas atividades, me descobrindo como péssima bordadeira, mas esses momentos são lembrados com muitas risadas.

Esse festival promoveu muito mais que interação, sendo possível estabelecer um espaço de partilha das vivências, resgate da história de um povo. E sem dúvida, possibilitou o engajamento das idosas, na medida em que elas compartilharam as habilidades, reafirmaram o seu poder de decisão e respeitaram o ritmo delas. A alegria expressada durante as apresentações, mostrava o quanto foi significativo a realização dessa intervenção. Os familiares que se fizeram presentes se emocionaram em diversas partes do festival. Como de costume no encontro seguinte houve dois momentos de avaliação, um da equipe técnica e o outro da equipe juntamente com as usuárias. Nesses espaços elas expuseram as opiniões, destacaram pontos que poderiam melhorar, lembro particularmente de um em que uma da participante se posiciona quanto a realização da intervenção que segundo ela era necessário “que o próximo festival fosse em um espaço maior e que entrasse como atividade a ser desenvolvida anualmente”.

O posicionamento acima de abertura verdadeira de espaço de fala para entender as demandas das pessoas para quem a atividade está voltada já foi discutido por Neri e Rabelo ao destacar (2019) que é preciso explorar as percepções das idosas na relação com o seu entorno e dar voz, para que naquele espaço possa ser propulsor de motivação para aquilo que desperta o interesse dos mesmos e assim trabalhar as temáticas que surgem.

Ficou evidente que criar um espaço de livre expressão, promover o compartilhamento e respeitar o ritmo do sujeito ali inserido também faz parte de exercer o compromisso da psicologia com o social entendendo que intervir nesses espaços não cabe no modelo tradicional e isso não é limitador, ao contrário permite volta-se para o grupo, entender os anseios e potencializar a autonomia e protagonismo das usuárias.

Sendo assim torna-se um espaço de possibilidades múltiplas em que ao trabalhar especificamente com a velhice a partir dessas intervenções contribui para romper com o instituído socialmente para o seu velho. Trazendo também o entendimento da existência de múltiplas formas de viver a velhice, concebendo um caráter

dinâmico, percebendo as estratégias que são utilizadas para compensar as marcas oriundas do envelhecer e questionando os papéis sociais vinculados ao ser idoso. Concebendo assim uma importante premissa que é preciso dar voz e espaço para as pessoas velhas existirem enquanto sujeitos sociais.

ENSAIO FOTOGRÁFICO

A temática trabalhada nesta intervenção foi a sexualidade e teve como objetivo proporcionar um espaço de compartilhamento sobre o sentido da sexualidade para cada usuária e por essa via trabalhar as demandas referente a singularidade das experiências.

A educadora social do grupo de idosos solicitou ajuda para trabalhar a temática sexualidade e durante a conversa surgiram algumas demandas: uma se referia a relação com o corpo associado ao vestir e mostra-se e o outro se referia a questão dos conflitos gerados quando relatos íntimos eram socializados pelos integrantes. Após alguns momentos de conversa foi decidido que a temática seria trabalhada a partir de três pontos: o primeiro momento conversando sobre para que as integrantes do grupo pudessem socializar o que concebiam como sexualidade e assim também deixar livre para trazer os seus relatos. No segundo, foram circuladas fotos de mulheres e homens sexagenários em ensaio fotográfico que trazia a exposição do corpo vestido e despídos e a partir dos relatos foi trabalhada a temática que circulava nesse espaço.

No decorrer da atividade algumas idosas destacaram “havia muito pudor fruto de uma criação que escondia a vida sexual, porque era muito bom e se deixasse aberto logo elas iriam experimenta antes do casamento” e outras criticavam o comportamento de mulheres que “deveriam abaixar o fogo pela idade” e a partir desses discursos foi trabalhado a sexualidade envolvendo as questões do ponto de vista individual e também relativas às construções sociais.

É preciso pensar que não existe uma forma de viver a velhice, pensar em outras estratégias de envelhecimento que não sejam centradas no imperativo do corpo jovem. Entender a experiência de envelhecer como um processo múltiplo e não único, em que o sujeito pode ser percebido e valorizado para além do que aparentemente se apresenta. Um ser que carrega as marcas do tempo, mas que não se reduz a aparência. Talvez assim se possa pensar em velhices (Maia,2008).

Ao serem convidadas a participar de um ensaio fotográfico, e explicada como aconteceria, algumas de imediato levantaram entusiasmas e outras permaneceram um pouco receosas, mas a medida em que tinham contato com o cenário, começaram a perguntar se daria tempo para todas participarem, pois queriam enviar fotos para as filhas. Esse ponto especificamente marca uma questão muito interessante no que se refere ao entendimento da sexualidade, pois na medida em que essas mulheres se apropriaram desse espaço e sentiam o desejo de também participar do ensaio fotográfico elas estavam se permitindo a expressar a sexualidade de maneira singular, conforme se sentiam e a seu próprio modo, afinal a consciência de que é preciso se desprender de um modelo único, fixo, também estava sendo circulado nas posturas dessas mulheres e a fotografia se apresentou como um elemento extremamente importante, pois ao se vê, se permite ser, também houve um processo ampliar o entendimento relativo à sexualidade.

Para realização da intervenção o oficinairo de artes organizou o espaço para as fotografias, uma maquiadora ficou a disposição para fazer penteado e maquiar aquelas que desejassem e havia também a pessoa responsável pela fotografia. O interessante é que nos momentos das fotos elas dividiam muitos relatos de como no tempo delas não conseguiam ter acesso a fotografia, pois era muito caro, restrito a pessoas que possuíam um grande capital financeiro e não era o caso delas. Outro ponto percebido é que para algumas velhas ali reunidas, o olhar do outro interferia em aceitar o corpo. Ficou evidente que essa experiência também se transformou numa possibilidade de romper com alguns padrões instituídos socialmente para o corpo da pessoa velha.

No decorrer dos ensaios elas começaram a opinar sobre o tipo de foto, ajudavam nas poses e escolhiam tudo de acordo com o que se sentiam confortáveis. Uma em especial com 82 anos chamou atenção, ela estava inserida recentemente no serviço, morava com a neta e reclamava de tanta "sibiteza" das mulheres e depois também quis participar do ensaio fotográfico. As fotos foram posteriormente disponibilizadas para as usuárias, algumas impressas e o arquivo foi requisitado por elas. A ideia inicial era entregar em Cd, mas não foi possível.

A partir dessa intervenção ficou evidente o quanto é necessário ampliar as discussões relativas à sexualidade na velhice. E para isso é imprescindível que os profissionais estejam preparados, isto é, antes de mais nada trabalhar suas próprias questões relativa ao olhar sobre a sexualidade na velhice para não reproduzir ideias preconceituosas e assim garantir que de fato seja possível deixar circular

nesses espaços institucionalizados a heterogeneidade da velhice em seus diversos aspectos.

Outro ponto evidenciado refere-se ao fato de que essas mulheres embora estivessem sobrecarregadas, diante da rotina de cuidados diários dispensados a família, ainda assim permaneciam frequentando o SCFV, esse espaço para muitas era a única forma de realizar uma atividades essencialmente voltada para o bem-estar, e para outras que viviam processo de isolamento, esse grupo se configurava como espaço de transformação da realidade vivenciada, dessa forma durante as intervenções tornava-se possível conhecer as peculiaridades das integrantes e entender o sentido que os encontros semanais adquiriam para vida de cada integrante.

Além disso, foi possível compreender que a abertura do espaço de fala para as usuárias, se configura como uma ótima estratégia para que assim seja possível realizar intervenções mais assertivas. Consideramos que essa atividade foi capaz de promover o protagonismo, estimular a ampliação de discussões que foram por muito tempo silenciadas e confrontar ideias preconceituosas relativas à velhice e sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia tem muito a contribuir na articulação com o Sistema Único de Assistência Social, mas para isso é preciso ampliar as possibilidades de capacitação profissional para que os técnicos tenham acesso aos suportes necessários e assim possam melhorar a qualidade das intervenções voltadas para pessoa idosa. Propostas que verdadeiramente considerem a heterogeneidade da velhice.

Sabe-se que a participação da psicologia no CRAS é relativamente recente, essa inserção em caráter obrigatório se apresenta como um avanço da profissão que sem dúvida é capaz de promover práticas que aproximem a temática velhice do campo social e isto vai além de dar visibilidade a pessoa idosa. É preciso estar atento à multiplicidade do envelhecer, abrir espaço para escutar os participantes do serviço e assim promover práticas que façam sentido ao público atendido.

É extremamente enriquecedor perceber a pessoa idosa mais crítica em relação a efetivação das atividades, criando espaço de partilha. Gerando assim um sentimento de pertença que as impulsionam a fazer parte da política de assistência ocupando seu lugar político que muitas vezes se transforma em revolta contra o

sistema quando não atinge as reais necessidades e tal revolta se configura como um posicionamento que pressupõe mudanças significativas no percurso do coletivo.

Nesse sentido, ampliar as discussões relativas às questões que giram em torno da velhice, pode contribuir para minimização dos preconceitos relativos a essa etapa da vida, além disso, se configura como um caminho rumo à superação das lacunas de conhecimento de tantos profissionais que diariamente se sentem paralisados, repetindo ações desarticuladas das demandas reais implicando dessa forma na impossibilidade de realização de um trabalho que auxilie na promoção do bem estar das pessoas idosas.

Além disso, a realização de intervenções em que as idosas sejam protagonistas e possam ocupar cada vez mais esse lugar de fala se destaca como uma estratégia que possibilita conhecer as situações de vulnerabilidade social e de risco das famílias que integram o SCFV, como também reconhecer as potencialidades do território de abrangência do CRAS a partir do olhar das usuárias que participam do serviço e assim verdadeiramente estaremos fortalecendo os vínculos sociais e comunitários entre as mesmas.

A partir das intervenções aqui apresentadas foi possível captar nos discursos das participantes as diversas formas de vivenciar o processo de envelhecimento e entender que a participação em grupo também se transforma em uma possibilidade de construção de rede de apoio, abertura para vivências de novas experiências, pertencimento como também se configura como uma forma de exercício da autonomia, reflexão acerca das implicações do social na experiência consigo mesmo, sendo portanto um espaço propulsor de possibilidades de trabalhar inúmeras temáticas além das aqui apresentadas.

Dessa forma poderemos construir mais espaços de promoção de partilha genuína que inclui também precisa ter como elemento primordial a reflexão entre a equipe sobre as percepções relativas ao processo de envelhecimento, sem antecipação desse lugar de ser velha, isto é, é preciso que os profissionais se permitam conhecer as peculiaridades da velhice, reconhecendo as ideias limitantes que muitas vezes se associam socialmente trata-se de violências e tal questionamento pode auxiliar na mudança de postura, assim como na vigilância quanto ao fazer para que não atue reproduzindo ideias e comportamentos ageistas.

Torna-se pertinente afirmar que as intervenções aqui apresentadas se configuram como um caminho possível para efetivação de um trabalho que satisfaça as reais necessidades da pessoa idosa na medida em que há uma participação ativa

das mesmas e uma avaliação posterior dos resultados obtidos, sendo que nas intervenções acima citadas em todos os processos as idosas foram incluídas.

Compreendendo assim que no momento em que a Psicóloga (o) busca aprofundamento do saber relativo ao público atendido e tem visão macro do seu fazer é possível concebê-lo como profissional capaz de estimular o empoderamento, além de ampliar a dimensão de enxergar a velhice dentro de suas potencialidades, e questionar as limitações que o espaço sociocultural impõe relativo ao envelhecer. E consequentemente estaremos aos poucos concretizando a Política de Assistência Social como direito daqueles que dela necessita.

REFERÊNCIAS

BARROS, M.M.L. **Envelhecimento, cultura e transformações sociais. Tempo de envelhecer; percursos e dimensões psicossociais.** (pp.39-56). São Paulo: Setembro.2006.

BENELLI. S.J, ROSA, A.C. Paradigmas diversos no campo da assistência social e seus estabelecimentos assistenciais típicos. **In:Rev. Psicologia USP.23(4).** São Paulo.2012.

BIRMAN. J. Terceira Idade, Subjetivação e Biopolítica.In: **Rev. História, ciência e saúde.** 22(4). Rio de Janeiro.2015. Acessado em: 20.10.2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/c4GQVPFqnJGL5G6G7rqpqqq/?format=pdf&lang=pt>

CAMARANO. Os dependentes da renda dos idosos e o corona vírus: órfãos ou novos pobres.**In: ciência e sociedade coletiva.** 25(2) . Rio de Janeiro.2020.

CEMA,I.L.&.TILIO,R. Repercurssões da menopausa para sexualidade de idosas: uma revisão integrativa de literatura. **Psicologia ciência e profissão,**37(3),753-769. 2017. Acessado em : Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ytvMvmgpdhwjZ9Yt7mYWBGh/abstract/?lang=pt>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Levantamento de dúvidas e dificuldades da/o psicóloga/o no atendimento a pessoas idosas no estado da Bahia: Relatório Técnico/** Conselho Regional de Psicologia 3ª Região Bahia (CRP-03)/

Comissão de Saúde. GT Psicologia, Envelhecimento e Velhice. – Salvador -Ba: CRP-Ba, 2021. Acessado em: 20.10.2022. Disponível em: <https://crp03.org.br/midia/levantamento-de-duvidas-e-dificuldades-da-o-psicologa-o-no-atendimento-a-pessoas-idosas-no-estado-da-bahia/>

LAZARINNE,E.R,LIMA,P.M.R,VIANA,T.C. Velhice eu acho ótima, considerando a alternativa: reflexões sobre velhice e humor. **Mal estar e subjetividade**, 11(4), 1597-1618,2011. Acessado em: 20.10.2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482011000400012&script=sci_abstract

MAIA,G.F.Corpo e velhice na contemporaneidade. **Estudos e pesquisa em psicologia**,8 (3), 704-711,2008.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Tipificação nacional dos serviços socioassistenciais**. Brasília, 2014.

NERI. A.L, RABELO.D.F. Intervenções psicossociais com grupos de idosos. In: **Kairós**, 16(6).Bahia,p.43-66, 2013.Acesso em 15.05.2021. Disponível em:<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20022>

RABELO.D. F. Formação em Psicologia para o trabalho com idosos. In:**Revista extensão**. 15(1). Bahia, p.16-22, 2019.

SANTOS, L. N. **A psicologia na assistência social, convivendo com a desigualdade**. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA. F.E. **NOB-RH/ SUAS anotada e comentada**. Brasília, 2011.

VIEIRA, R. A experiência de reestruturação do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos. In: **V congresso brasileiro de psicologia: ciência da profissão. São Paulo**. Anais, 2018. Acessado em: 15.08.2021. Disponível em: <http://www2.pol.org.br/inscricoesonline/cbp/2018/anais/anais.cfm>.

VIEIRA, R. A sexualidade no discurso de idosas frequentadoras de uma casa noturna em Aracaju. SE.In: **Dissertação Mestrado. Universidade Federal de Sergipe**, 2018. Acessado em: 08.10.2021. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/9272>.

VIEIRA, R. O compromisso social da psicologia e os impasses em sua práxis. In: **I Mostra de práticas de psicologia na assistência social**. Salvador, 2019. Acesso em: 20.05.2022. Disponível em: <https://crp03.org.br/midia/anais-da-i-mostra-de-praticas-em-psicologia-e-politicas-publicas-na-bahia/>